



LIÇÃO 16

O AMOR DE DEUS¹

A Palavra nos diz três coisas a respeito da natureza de Deus. Primeira, “Deus é espírito” (Jo 4:24). Como é “espírito”, é incorpóreo, não tem substância visível. Segunda, “Deus é luz” (1 Jo 1:5), o que é oposto às trevas. A “luz” representa a santidade, a bondade, a vida. Terceira, “Deus é amor” (1 Jo 4:8). Não é simplesmente que Deus ama, porém que é amor mesmo. O amor não é meramente um dos Seus atributos, mas sim Sua própria natureza.

Muitos hoje falam do amor de Deus, mas são completamente alheios ao Deus de amor. Comumente se considera o amor divino como uma espécie de fraqueza amável, uma indulgência boazinha; fica reduzido a um sentimento fraco, modelado nas emoções humanas. Pois bem, a verdade é que nisto, como em tudo mais, os nossos pensamentos precisam ser formulados e regulados por aquilo que é revelado nas Escrituras Sagradas. Quanto melhor conheçamos o Seu amor — sua natureza, sua plenitude, sua bem-aventurança — mais os nossos corações serão impelidos a amá-LO.

1. O amor de Deus *não é influenciado*. Com isso se quer dizer que não há nada nos objetos do Seu amor que possa colocá-lo em ação, e não há nada na criatura que possa atraí-lo ou impulsioná-lo. O amor de Deus é gratuito, espontâneo e não causado por nada nem por ninguém. A única razão pela qual Deus ama alguém acha-se em Sua vontade soberana: leia Dt 7:7-8. Deus amou o Seu povo desde a eternidade e, portanto, a criatura nada tem que possa ser a causa daquilo que se acha em Deus desde a eternidade. Seu amor provém dEle mesmo: “por causa da sua própria determinação (2 Tm 1:9).

1 Jo 4:19: se Deus nos tivesse amado em resposta ao nosso amor, então o Seu amor não seria espontâneo; mas visto que Ele nos amou quando nós não O amávamos, é claro que o Seu amor não foi influenciado. Que havia em mim que atraiu o coração de Deus? Absolutamente nada. Ao contrário, porém, havia tudo para O repelir, tudo na medida para levá-LO a detestar-me — sendo eu pecador, depravado, corrupto, sem nenhum bem em mim (Rm 7.18)

2. *É eterno*. Necessariamente, Deus é eterno, e Deus é amor; portanto, como Deus não teve princípio, Seu amor também não teve. Como é claro o testemunho de Jr 31:3! Esta é uma prova clara de que o Seu amor é espontâneo, pois Ele os amou eras sem fim, antes de sequer existirem! A mesma verdade é exposta em Ef 1:4-5.

3. *É soberano*. Deus é soberano, não deve obrigação a ninguém; Ele é Sua própria lei e age sempre de acordo com a Sua vontade. Assim, pois, se Deus é soberano e é amor, infere-se necessariamente que o Seu amor é

soberano. Porque Deus é Deus, faz o que Lhe agrada; porque é amor, ama a quem Lhe apraz. Eis a Sua própria afirmação expressa: “amei Jacó e aborreci Esaú” (Rm 9:13). Em Jacó não havia mais razão do que em Esaú para ser objeto do amor divino. Contudo, Deus amou um e aborreceu o outro. Por que? Porque assim Lhe aprouve.

Suponha que o amor de Deus fosse governado por outra coisa que a Sua vontade, caso em que Ele amaria seguindo alguma norma e, amando por alguma norma, Ele estaria subordinado a uma lei do amor e, então, longe de ser livre, Deus seria governado por uma lei. “Em amor nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo” — o quê? — “segundo o beneplácito de sua vontade” (Ef 1:4-5).

4. *É infinito.* Em Deus tudo é infinito. Assim, o Seu amor é sem limite. Há nele uma profundidade que ninguém consegue sondar; há nele uma largura e um comprimento que desafiam a medição feita por todo e qualquer padrão humano. As ideias mais amplas que nossa mente finita possa conceber acerca do amor divino, estão infinitamente abaixo da sua verdadeira natureza.

5. *É imutável.* Como em Deus não há mudança (Tg 1:17), assim o Seu amor não conhece mudança nem diminuição. “Amei Jacó”, declarou lavê, e, a despeito de toda a sua incredulidade e obstinação, Ele nunca deixou de amá-lo. João 13:1 oferece-nos outra bela ilustração. O amor divino não se rende às vicissitudes. As muitas águas não conseguem apagar este amor (Ct 8:6-7). Nada nos pode separar dele (Rm 8:35-39).

6. *É santo.* O amor de Deus não é regulado por capricho, paixão ou sentimento, mas por princípio. Seu amor nunca conflita com a Sua santidade. Que Deus é luz se menciona antes de se dizer que Deus é amor (1 Jo 1:5; 4:8). O amor de Deus não é fraqueza boazinha, nem brandura efeminada. Deus não tolera o pecado, mesmo em Seu povo (Hb 12:6). Seu amor é puro, e não se mistura com nenhum sentimentalismo piegas.

7. *É pleno de graça.* O amor e o favor de Deus são inseparáveis. Esta verdade é exposta claramente em Rm 8:32-39. O que é esse amor, do qual, nada pode nos separar, percebe-se pelo propósito e alcance do contexto imediato da passagem: é aquela boa vontade ou beneplácito e graça de Deus que O determinou a dar Seu Filho pelos pecadores. Esse amor foi o poder impulsivo da encarnação de Cristo (Jo 3:16). Cristo morreu, não para fazer com que Deus nos amasse, mas porque Ele amava o Seu povo. O Calvário é a suprema demonstração do amor divino. Sempre que você for tentado a duvidar do amor de Deus, volte ao Calvário!

Há aqui, pois, farta causa para confiança e paciência sob a aflição debaixo da mão de Deus. Cristo era amado pelo Pai, porém Ele não foi eximido de pobreza, humilhação e perseguição. Quando Cristo permitiu que os homens cuspissem nEle e O golpeassem, isso não foi incompatível com o amor de Deus por Ele. Portanto, que nenhum cristão questione o amor de Deus quando passar por aflições e provações. Deus não enriqueceu a Cristo na terra com prosperidade temporal, mas Deus Lhe deu o Espírito sem medida (Jo 3:34). Aprenda o cristão, pois, que as bênçãos espirituais são os principais dons do amor divino. Que bênção saber que, ao passo que o mundo nos odeia, Deus nos ama!

¹ Fonte: PINK, A. W. *Os Atributos de Deus* (Editora Pes).